

Novena
do Coração
de Maria

ANO 2023



O Coração de Maria e a vida em sinodalidade

Introdução

O tema da novena do Coração de Maria, do ano passado, centrou-se na “confissão de Deus”, que é o primeiro aspeto cordimariano, que a declaração “Querida Congregação” sublinhou. Por isso, nos dedicamos a meditar e a orar com o hino do Magnificat. Neste ano, interrompemos o aprofundamento da sequência desses traços, para contemplar o Coração de Maria como inspiração para o caminho sinodal, que estamos a palmilhar como Povo de Deus.

Esta novena debruça-se sobre as três dimensões que integram o tema do XVI Sínodo dos Bispos: “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. Nesta hora de sinodalidade, fomos convocados para “caminhar juntos”, para “trabalhar com os outros”, e de fazer despertar o desejo profundo de contribuir para a renovação da Igreja. Este novo tempo eclesial e esta novena em honra do Coração de Maria, proporcionam-nos outra oportunidade para continuar a abrir e a prosseguir nesse caminho. Com base na vocação recebida, pretendemos avançar neste itinerário de comunhão, enfrentando os desafios que nos afetam e procurando debelá-los.

O esquema da novena engloba quatro partes s. A introdução compreende uma admoção, um cântico (cada comunidade poderá escolher o mais oportuno), uma saudação e a oração inicial. A segunda parte assenta na proclamação de um texto bíblico, seguido de um breve momento de silêncio contemplativo. La tercera, intitulada “Meditamos, com Maria”, propõe algumas reflexões breves sobre o tema da novena e textos complementares (seja dos escritos do P. Claret ou de outros autores), que poden iluminar o que se refletiu. Na última parte, encontrar-se-ão as preces, o Pai-nosso, a oração conclusiva, a bênção e o cântico final. Cada comunidade poderá utilizar este material da forma que melhor achar, adaptando-o às suas necessidades



UMA COMUNIDADE, UNIDA PELA VIRTUDE, E À IMAGEM DA TRINDADE

1. Admonição introdutória

Maria vive a comunhão com Deus. Chamamo-la “ícone da Trindade”, porque no seu coração se refletem as relações de amor do coração de Deus. Maria vive ainda a comunhão dos santos.: é a mulher do coração novo, um coração orientado para a comunhão. Orígenes afirmava: “Onde há pecado, todos nos dissociamos, e surgem divisões, cismas, heresias e discussões; mas onde mora a virtude por obra do Espírito Santo, pontifica a união”. Maria é inocente e totalmente santa. Como habita nela o Espírito, construtor admirável da unidade, ela fomenta a unidade e pode ser chamada “mãe da unidade”. Sintamo-nos particularmente unidos a Ela, cujo amor e união desejamos manifestar, ao longo destes dias.

Cântico inicial.

Saudação litúrgica.

Oração: Senhor Deus, que sois nosso Pai e nossa Mãe, ao prepararmos para celebrar a festa do Coração Imaculado de Maria, somos convidados a imitar o vosso exemplo de unidade na indivisível Trindade. Como Maria congregou os apóstolos no Cenáculo, para receberem o Espírito Santo e alcançar a unidade da mente e do coração, fazei que também nós respondamos constantemente ao vosso apelo, para reconhecermos a presença do vosso Filho Jesus, em cada um de nós e, assim, permanecermos sempre unidos, de modo que sejamos suas testemunhas, onde vivemos. Por Jesus Cristo, vosso Filho, que vive e reina convosco na unidade do Espírito Santo e é Deus, pelos séculos dos séculos. Amen.

2. Escutemos a Palavra de Deus

«Um dia em que estavam com ele à mesa, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que “esperassem a promessa do Pai, do Qual Me ouvistes falar. Na verdade João batizou com água; vós, porém, sereis batizados no Espírito Santo, dentro de poucos dias”.

Então, os Apóstolos voltaram para Jerusalém, descendo o monte chamado das Oliveiras, que ficava perto de Jerusalém, à distância de uma caminhada de sábado. Quando chegaram à cidade, subiram para a sala de cima, onde

se encontravam habitualmente. Estava lá Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zeloso, e Judas, irmão de Tiago. Todos estes perseveravam unidos em oração, em companhia de algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus”. (Atos 1, 4-5.12-14)

Silêncio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

A experiência do Pentecostes é simultaneamente, para a comunidade cristã, trinitária e mariana. É trinitária, devido ao envio do Espírito Santo, prometido pelo Pai e pela determinação de Jesus. É mariana, porque Maria está e acompanha os apóstolos e discípulos. A espera do envio do Espírito Santo pelo Pai constituiu um ato comunitário, provocado pela oração (cf. At 1,14) e pelo estudo conjunto das Escrituras (cf. At 1,15-22). Isto demonstra a importância da unidade e da decisão espiritual, no cumprimento da vocação missionária da Igreja, tal como Jesus a anunciou. A oração de Jesus, ao Pai, pela unidade dos seus discípulos (Jo 17, 21) é executada pelo Espírito Santo, que congrega todas as pessoas numa só comunidade, como sucedeu com S. Pedro, quando dirigiu a palavra, no dia de Pentecostes, a membros de diferentes culturas e nações. Assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo formam uma unidade, também nós estamos chamados a construir as nossas comunidades na unidade e a dar testemunho dela, permanecendo unidos em Cristo sem estabelecer qualquer distinção entre nós (cf. Gal 3,28).



Este apelo à unidade, imitando a Trindade, recorda-nos as divisões que nos afetam e que brotam das diferenças sociais, religiosas, geográficas e económicas. O orgulho é o primeiro fator, responsável por estas divisões. Os diversos dons do Espírito Santo incitam-nos a lutar contra as nossas tendências egoístas de aumentar as brechas entre nós. As nossas diferenças revelam-se positivas, se forem utilizadas como compromissos complementares para sedimentar as nossas comunidades.

O acompanhamento, prestado por Maria aos apóstolos e aos discípulos, constitui outro meio de fortalecer os nossos vínculos fraternos. Foi ela que se converteu em modelo deles, na oração e na escuta da Palavra, mercê do exemplo que Lhes deu no Cenáculo, enquanto se preparavam para receber o Espírito Santo. São Lucas, no seu evangelho, descreve Maria como uma pessoa que vivia, a partir do coração, guardando e meditando nas ações de Deus (cf. Lc 2, 19.51).

Isto mostrava que ela não esquecia as “grandes coisas” que Deus operava na sua vida; pelo contrário, recordava-as e saboreava-as. Deste modo, pode ensinar à comunidade, instalada na sala de cima, a acolher a Palavra de Deus, a degustá-la no coração e a enchê-la de ressonâncias. O resultado reflete-se na pregação de S. Pedro, antes e depois da vinda do Espírito Santo. Exultava festivamente com o cumprimento das promessas de Deus em Jesus Cristo. Hoje impele-nos a necessidade de ser ouvintes apaixonados da Palavra. Significa isto que devemos conservar a Palavra de Deus no coração, de forma que este viva totalmente só para ela.

Foi esta a experiência dos nossos primeiros missionários, em Vic, testemunhada por um sacerdote dominicano do convento de S. Domingos, quando eles praticavam o ministério da Palavra. Assemelhavam-se aos que saíam do cenáculo, cheios de ardor pela força do Evangelho. Era uma comunidade plasmada no modelo da Santíssima Trindade.

4. Textos complementares

“Maria, minha Mãe e minha esperança, consolação da minha alma e objeto da minha predileção! Lembrai-vos das graças que Vos pedi e que me foram totalmente concedidas. Pergunto sinceramente: será que se encontra esgotado, agora, esse perene manancial? Não, nunca se ouviu, nem nunca se ouvirá dizer que algum devoto vosso fosse por Vós desamparado. Já vedes, Senhora, que tudo o que Vos peço se orienta para a maior glória de Deus e vossa, e para o bem das almas. Por isso, espero alcançá-lo, e obtê-lo-ei, certo de que Vos dignareis conceder-mo o mais rapidamente possível. Não invocarei os meus méritos, que os não possuo. Dir-vos-ei, apenas: como Filha que sois do Eterno Pai, Mãe do Filho de Deus e Esposa do Espírito Santo, é conveniente que exalteis a honra da Santíssima Trindade, de que é imagem viva a alma humana, que foi lavada também no sangue do Deus incarnado (Aut 162).

5. Oremos, juntos

Deus, nosso Pai, dirigimo-Vos as nossas orações, por intercessão de Maria, nossa Mãe, modelo de unidade, segundo a Trindade, para as nossas comunidades:

Confiando no vosso amor, Vos pedimos, Senhor.

- Abrasai-nos em zelo, para que possamos responder ao amor do Pai...
- Fazei que nos amemos uns aos outros como Jesus nos ama...
- Tornai-nos generosos, vivendo os dons do Espírito Santo...
- Orientai-nos no empenhamento pela unidade, nas nossas comunidades e na Igreja...
- Concedei-nos um coração que medite nas vossas palavras vivificantes...

Petições espontâneas... Pai nosso.

Oração final

Deus, nosso Pai, de todo o coração Vos agradecemos o dom da nossa vida comunitária. Graças aos dons do Espírito Santo, nos incitais a construir as nossas comunidades, que pro provêm às nossas necessidades. Como Maria acompanhou maternalmente a comunidade dos Apóstolos e dos discípulos, que nós escutemos o seu conselho materno para reflectir sobre as vossas palavras vivificantes e que nos convertamos para nos empenharmos na unidade entre nós. Pedimos-vos isto por Cristo, nosso Senhor. Amen.

Bênção conclusiva.

Cântico mariano apropriado.



1. Admonição introdutória

Somos Igreja, e não um agregado ou um conjunto de indivíduos. Se temos Deus por Pai, é impossível não termos a Igreja por mãe; se pertencemos ao Senhor, é impossível não sermos membros do seu corpo eclesial; se somos templo do Espírito, seria incompreensível não fazer parte da filha do Espírito, que é a Igreja. Temos um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai. Partilhamos a história, a vida, uma forma de olhar o mundo e de o habitar, uma esperança em relação ao tempo e para além do tempo, alegrias, tristezas e preocupações. Caminhamos juntos em direção a essa plenitude a que chamamos o Reino de Deus.

Maria pertence ao povo de Israel, e não prescindiu dele; sente-se herdeira da história e da tradição do povo, e participa das suas esperanças. Fazia parte da assembleia de YHWH, mas não do espírito sectário que afetava os “pobres” de Qumran. Vemo-la integrada na primitiva comunidade cristã; e reconhecemo-la como membro, modelo, exemplo e mãe da Igreja: está adornada de uma alma eclesial. Não dispõe de um coração altivo, que se orgulha da sua santidade pessoal, nem agradece a Deus por não ser como as outras pessoas (cf. Lc 18,11). Maria é a escrava humilde, em quem Deus depositou o seu olhar encantador.

Cântico

Saudação litúrgica

Oração

Deus amável, nosso Pai, ao nos reunirmos para meditar sobre a nossa vocação de membros da Igreja, agradecemos o vosso chamamento para fazermos parte deste sacramento da salvação. Através dele, nos chamais a nascer de novo da água e do Espírito e a adorar-Vos em espírito e verdade. Fortaleceis a nossa vida fraterna, no meio das diferenças e das dificuldades. Derramai sobre nós o vosso Espírito, para que sejamos uma comunidade centrada na Palavra de Deus e na Eucaristia, capaz de sair e de dar testemunho do vosso amor compassivo. Isto Vos pedimos por Jesus Cristo, vosso Filho, que vive e reina convosco na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amen.

2. Escutemos a Palavra de Deus

“Há diversos dons espirituais, mas é o mesmo Espírito Santo; há diversos serviços, mas é o mesmo Senhor; e há diversas operações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos.

Cada um. Porém, recebe o dom de manifestar o Espírito, em ordem ao bem comum. A um, é uma palavra de sabedoria, que é dada pelo Espírito; a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro, a fé, em união com o mesmo Espírito; a outro, o dom das curas, nesse mesmo Espírito; a este, o poder de fazer milagres; àquele, o de profetizar; a outro, o de avaliar dons espirituais; a este, o dom de falar diversas línguas; àquele, o de poder traduzir essas línguas.

Tudo isto, porém, o realiza o mesmo e único Espírito, que distribui os seus dons a cada um, conforme entende” (1 Cor 12, 12-20).

Silencio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

Somos chamados a ser Igreja, pelo novo nascimento da água e do Espírito, e, por isso, passamos pela experiência da morte ao pecado e por sermos sepultados com Cristo, a fim de com Ele ressuscitarmos. Temos, pois, de nos recordar que somos novas criaturas, em Cristo. Como é que, na vida quotidiana, vivemos essa experiência?

Como Igreja que somos, estamos interpelados a adorar o Pai, em Espírito e verdade, superando o apego a rituais e rubricas. Assim como a comunidade cristã primitiva se reunia, todos os dias, para partir o pão e ouvir a Palavra de Deus, também, hoje, somos chamados a repensar o nosso culto a Deus, em Espírito e verdade, através da Eucaristia e da Palavra de Deus.



O nosso compromisso de ser Igreja incita-nos a participar constantemente na Missão de Deus. Cada um de nós é convidado a construir a Igreja, lançando mão dos dons recebidos do Espírito Santo; desta forma, respondemos à Missão de Deus. Não se trata de multiplicar as instituições dos nossos ministérios, mas de tornar carismáticas as instituições, com base na missão de Deus. Como pautar as nossas atitudes institucionais pelas atitudes evangélicas?

A nossa decisão de cristãos leva-nos a superar as atitudes mundanas e a revestir-nos de Cristo. A tentação de nos deixarmos seduzir por este mundo e pelas suas paixões ofusca-nos a visão de sermos testemunhas da Palavra. O apego a este mundo vai contra a nossa vocação de ser Igreja. Maria, nossa Mãe, foi uma peregrina, que colocou de lado as atitudes mundanas e se fixou em Deus, que toma conta dos pobres e dos marginalizados. O apelo a ser Igreja é uma graça, que nos faz optar pelo Reino de Deus, eliminando os apegos e as atitudes deste mundo.

4. Textos complementares

O futuro da Igreja.

“A Igreja de amanhã será pequena e, em grande parte, terá de começar desde o princípio. Já não poderá encher tantos edifícios, construídos em tempos de esplendor. Juntamente com o número dos fiéis, perderá muitos dos seus privilégios, na sociedade. Apresentar-se-á, sobretudo, como uma comunidade, em que só se entra por decisão voluntária. Como comunidade diminuída, irá exigir muito mais da iniciativa dos seus membros. Adotará certamente novas formas de ministério e ordenará, como sacerdotes, cristãos profissionalmente preparados... Será uma Igreja com espiritualidade mais profunda... Mas, desta Igreja mais espiritual e mais simples, sairá uma grande força. Porque as pessoas, que farão parte de um mundo completamente planeado, irão sofrer uma solidão indescritível. Quando Deus desaparecer das suas vidas, irão sentir uma total e terrível pobreza. Assim, descobrirão a pequena comunidade dos crentes como algo totalmente novo, como uma esperança, como uma resposta que sempre procuraram em segredo” (Prof. Joseph Ratzinger, 1969).

5. Oremos, juntos

Apoiados na intercessão do Coração de Maria, mãe e discípula do Povo de Deus, apresentemos ao Senhor a nossa necessidade e felicidade de ser Igreja:

Confiado no vosso amor, Vos pedimos, Senhor.

- Concedei saúde estável e sabedoria ao nosso Santo Padre, o Papa Francisco...
- Fazei com que os nossos bispos e sacerdotes se empenhem na sua vocação eclesial...
- Fortalecei os nossos leigos nas lides quotidianas da vida, para que possam ser vossas testemunhas neste mundo...
- Ajudai todas as famílias a crescer no compromisso de ser Igreja, no seio dos encargos familiares...

Petições espontâneas. Pai nosso.

Oração final: Deus, Pai amoroso, abri o nosso coração e a nossa mente, para ficarmos atentos aos vossos apelos e nos mantermos unidos na vossa Igreja. Ajudai-nos a reconhecer, em cada irmão, a presença do vosso Filho, e escutarmos o seu convite a viver e trabalhar pelo vosso Reino, na terra. Forjados na fornalha do Coração de Maria, ajudai-nos a ter um coração terno, atento e místico, para nos amarmos uns aos outros, atendermos as necessidades dos mais débeis e permanecermos sempre unidos a Vós. Por Cristo, Senhor nosso. Amen.

Bênção conclusiva.

Cântico mariana apropriado.



Terceiro dia

SOMOS PESSOAS EM MARCHA, CANINHANDO JUNTOS

1. Admonição introdutória

Nós não constituímos uma comunidade que faz parte do mundo e segue os seus ditames, nem mesmo um grupo errático, sem rumo nem direção. Como povo de Deus em movimento, somos todos companheiros de jornada. Palmilhamos o roteiro de Deus, nosso destino e a meta de toda a criação.

Maria ensaiava uma “caminhada, em conjunto”: todos os anos se integrava na caravana, que sobia até Jerusalém, para celebrar a grande festa da Páscoa; e, no regresso, juntava-se à comitiva que demandava Nazaré (cf. Lc 2,41-44). Após Jesus, em Caná, ter realizado o sinal inaugural do seu ministério, a sua mãe desceu com Ele, para Cafarnaum, com os seus familiares e discípulos (cf. Jo 2,12). Maria exerceu, ainda, o múnus de “estar junta”: descobrimo-la no Cenáculo, com os discípulos, na companhia de algumas mulheres e dos irmãos de Jesus. Este coração de mulher, que participa na marcha do grupo itinerante e sabe acompanhar o ritmo da vida doméstica, é mestre na arte de viver em conjunto.

Cântico inicial.

Saudação litúrgica.

Oração: Ó Deus, que sois nosso Pai e nossa Mãe, damo-Vos graças por nos haverdes chamado a fazer caminho convosco e com os nossos irmãos e irmãs. Desde a hora em que convidastes o vosso povo e lhe confiastes uma missão, tornastes-Vos seu companheiro de viagem, alimentando-o e orientando-o. Assim como, ao longo da sua história, revelastes aos hebreus as vossas maravilhas e a vossa providência, cumulai-nos também a nós com as vossas agradáveis surpresas. Da mesma forma que a vossa palavra os norteou, ensinai-nos igualmente a discernir a vossa vontade e a pô-la em prática. Aumentai em nós a fé, para acreditarmos que continuais sempre connosco e que nunca nos sentiremos sós. Abri os nossos olhos para Vos reconhecermos nas comunidades de que fazemos parte, quando partilharmos a vossa Palavra e a vossa Eucaristia. Isto Vos pedimos, por Jesus Cristo, vosso Filho, que vive e reina convosco, na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amen.

2. Escutemos a Palavra de Deus

«Naquele tempo, dois deles estavam a caminho de uma povoação, de nome Emaús, que distava sessenta estádios de Jerusalém. Eles conversavam um com o outro acerca

de tudo o que acontecera. E aconteceu que, enquanto eles conversavam e debatiam, o próprio Jesus, aproximando-se, pôs-se a caminhar com eles. Os seus olhos, porém, estavam impedidos de o reconhecer. Disse-lhes, então: «Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?». Pararam com ar pesaroso. Um deles, de nome Cléofas, respondendo disse-lhe: «Serás Tu o único forasteiro em Jerusalém a não saber o que lá aconteceu nestes dias?». E Ele disse-lhes: «O quê?». Eles disseram-lhe: «O que diz respeito a Jesus de Nazaré, que se tornou um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, de tal modo que os chefes dos sacerdotes e os nossos magistrados o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram. Nós esperávamos que fosse Ele quem estava prestes a resgatar Israel, mas, com tudo isto, já lá vai o terceiro dia desde que estas coisas aconteceram. No entanto, algumas mulheres de entre nós deixaram-nos espantados: tendo estado de manhã cedo junto ao sepulcro, ao não encontrarem o seu corpo, vieram dizer que tinham tido uma visão de uns anjos que dizem que Ele está vivo. Alguns dos que estão connosco foram ao sepulcro e encontraram tudo como as mulheres haviam dito; mas a Ele não o viram». Então Ele disse-lhes: «Ó desprovidos de inteligência e lentos de coração para acreditar em tudo quanto disseram os Profetas! Não era necessário que o Cristo sofresse estas coisas, para entrar na sua glória?». E, começando a partir de Moisés e de todos os Profetas, explicou-lhes, em todas as Escrituras, o que a Ele dizia respeito. Aproximaram-se da povoação para onde iam, e Ele fez menção de seguir adiante, mas eles insistiram com Ele, dizendo: «Fica connosco, porque é tarde e o dia já está a declinar». Entrou, então, para permanecer com eles. E aconteceu que, quando Ele se reclinou com eles à mesa, tomando o pão, pronunciou a bênção e, partindo-o, deu-lho. Abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-no, mas Ele deixou de lhes ser visível. Diziam, então, um ao outro: «Não nos ardia o nosso coração quando Ele no caminho nos falava, quando nos abria as Escrituras?». Levantaram-se naquele momento e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os onze reunidos com os seus companheiros” (Lc 24, 13-33).

Silêncio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

A Igreja sinodal recorda-nos sempre que não estamos sós. Jesus e os seus discípulos são nossos companheiros. É por isso que afirmamos que a salvação cristã tem um cariz comunitário. Todos devem ser salvos. A Igreja ‘em saída’ recorda-nos constantemente que temos de ter consciência desse acompanhamento e de aumentar a nossa fé na presença invisível do nosso Senhor. Inicialmente, parece que damos por garantida tal presença misteriosa, mas, mais tarde, ficamos maravilhados perante a realidade, que se manifesta através das pessoas, dos acontecimentos e do universo em que habitamos. Aqueles que buscam Jesus acabam por descobrir que é Ele quem chega antes. Este misterioso itinerário, que Deus faz a nosso lado,

projeta-nos para um encontro saboroso. Leva-nos a agradecer o dom da fé, que nos fortalece nos momentos de escuridão. Abraão encontrou-se com Deus e verificou que se ia cumprir a promessa divina. As experiências do êxodo e do exílio do povo de Israel revelam como o encontro com Deus os conduziu à liberdade e à maturidade espiritual. A viagem de Maria, para se encontrar com Isabel, produziu o seu Magnificat, que relata a ação libertadora de Deus. O seu regresso a Jerusalém, com São José, revelou-lhe que o seu filho estava totalmente imerso nos assuntos do Pai. Isto incita-nos a examinar se vivemos a nossa caminhada com Deus como um encontro e uma experiência entre um 'Eu' e um 'Tu'.

A nossa viagem em comum com Deus induz-nos a escutá-l'O, com atenção. Deus fala-nos todos os dias. Maria, na festa das bodas de Caná, foi levada a escutar a carência do vinho e a transmitir o contentamento a todos os que nesse local se encontravam. Os discípulos de Emaús, ao escutarem Jesus, sentiram que as suas palavras convincentes lhes aqueciam o coração. A simples presença e as expressões das pessoas obrigam-nos a ler os seus pensamentos e a ouvir os seus desabafos. Assim, o apelo sinodal à escuta recíproca, na nossa caminhada conjunta, faz que nos interroguemos sobre a nossa apetência para acompanhar as pessoas, as escutar pacientemente e discernir as suas precisões e a nossa capacidade de ajuda.

4. Textos complementares

“Outro meio, capaz de produzir um impacto extraordinário, é o das conversas familiares. Oh! Que bem faz a todos! Entre os primeiros padres da Companhia de Jesus, havia um irmão leigo que ia todos os dias às compras. Demonstrava tal felicidade, nas conversas que mantinha com as pessoas que encontrava pelo caminho, que só ele converteu mais almas do que qualquer outro missionário. Isto, li-o eu, quando ainda era estudante. Agradou-me tanto o sucedido que, sempre que podia, o sublinhava por escrito, de acordo com as diversas circunstâncias” (Aut 334).

“Quando empreendia uma viagem, não perdia o ensejo de manter diálogo com as pessoas que estavam perto de mim, procurando aproveitar as circunstâncias da melhor forma possível. Se via flores, chamava-lhes a atenção para tal e dizia-lhes que, assim como as plantas produzem flores tão belas e exalam fragrantes perfumes, também nós deveríamos sobressair pelas virtudes. Por exemplo, a rosa ensina-nos a caridade, a açucena a pureza, a violeta a humildade, e assim por diante. Temos de mostrar que, como disse o Apóstolo, *bonus odor sumus Christi Dei in omni loco*.⁵⁷ Vendo uma árvore com frutos, sugeria às pessoas que devíamos produzir frutos de boas obras, ou, caso contrário, seríamos semelhantes às duas figueiras de que fala o Evangelho. Ao passar junto de um rio, fazia-lhes notar como a água nos estimula a descobrir que caminhamos em direção à eternidade. Ao ouvir o canto dos pássaros,

de uma música, etc., falava-lhes do cântico novo e eterno do céu; e assim, a respeito de outras coisas. Verifiquei que aquelas conversas espontâneas faziam muitíssimo bem, pois acontecia algo semelhante ao episódio dos discípulos de Emaús, e, além do mais, evitava-se palavreado inútil e, quem sabe, até murmurações” (Aut 336).

5. Oremos, juntos

Amparados pela intercessão do Coração de Maria, mãe e discípula do Povo de Deus, apresentemos ao Senhor a nossa necessidade e alegria de sermos Igreja:

Confiando no vosso amor, Vos pedimos, Senhor:

- Abençoai, com a saúde, a alegria e a paz, todos aqueles que trabalham e colaboram nas nossas obras e iniciativas...
- Concedei-nos um coração generoso, para nos mostrarmos agradecidos às pessoas que partilham a sua vida connosco, e tornarmos esse encontro um lugar de confiança e de respeito mútuos...
- Outorgai-nos a sabedoria de perceber os problemas e as lutas interiores dos nossos irmãos e irmãs, e de os ajudar a ultrapassá-los...
- Aumentai em nós a certeza de que estais sempre a caminhar connosco, bem como o nosso sério empenhamento nas causas do vosso Reino...
- Tornai fecundas as nossas partilhas e conversas, e abri caminho para o discernimento e para as decisões atempadas e sábias...

Petições espontâneas... Pai nosso.

Oração final: Pai, cheio de bondade, obrigado por nos terdes dado a conhecer que fazeis caminho connosco. Acreditamos que acompanhais permanentemente todos os vossos filhos, e os levais pela mão, orientando-os pelas veredas certas. Ouvis os nossos gritos e anseios, e prestai-nos o vosso auxílio. Por sabermos que sempre nos escutais, possamos também escutar-nos uns aos outros e tornar a nossa busca da verdade, profunda e empenhada. Assim como Maria, nossa Mãe, acompanhou os apóstolos, ajudai-nos também a deixar-nos orientar por Ela. Isto Vos pedimos, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amen.

Bênção conclusiva.

Cântico mariano apropriado.

1. Admonição introdutória

A Igreja não é um teatro, onde alguns são atores e outros espectadores. Somos todos corresponsáveis: o presente e o futuro da fé, da vida eclesial e da missão, dizem respeito a todos. Não somos uma massa amorfa; a Igreja tem uma estrutura: nela há diferentes ministérios e carismas. Na Igreja, devemos escutar toda a gente, especialmente os pobres e os excluídos. A vida da Igreja exige uma participação coral.

Maria pertence aos pobres de YHWH. Eles confiam totalmente em Deus, mas não são sujeitos passivos e apáticos. Ela viveu a sua pertença ao Povo da Aliança, a partir da sua identidade pessoal e da sua vocação. Deus não teve de a forçar a aceitar a encarnação. Também não foi com relutância e como que arrastada para a montanha da Judeia: “A graça do Espírito Santo ignora a lentidão do esforço” (Santo Ambrósio); é uma graça, que a leva nas suas asas. Com o seu caminho e o seu Magnificat, cumpriu o lema de Santo Agostinho: “Canta e caminha”. É o mote do povo de Deus, como família sinodal: “Caminha, povo de Deus”.

Cântico inicial.

Saudação litúrgica.

Oração: Ó Deus, que sois nosso Pai e nossa Mãe, obrigado pelos dons que derramastes sobre os membros da nossa comunidade. Cada dádiva é uma manifestação do vosso amor. Uma variedade imensa de dons enriquece as nossas comunidades as torna bonitas e alegres. Ao enviar-nos tantos presentes, convidais-nos a partilhar também a realizar o fruto dos ministérios que desempenhamos. Vós nos incitais a pôr em comum os dons que nos outorgais e a trabalhar pela unidade da Igreja. Concedei-nos a vossa graça, para descobirmos as aptidões que nos derdes e as desenvolver, passando do nosso egoísmo a uma vida orientada para a comunidade. Isto Vos pedimos, por Jesus Cristo, vosso Filho, que vive e reina convosco, na unidade do Espírito Santo. Amen.

2. Escutemos a Palavra de Deus

“Há diversos carismas espirituais, mas é o mesmo Espírito Santo; há diversos serviços; há diversos serviços, mas é o mesmo Senhor; e há diversas operações, mas é o mesmo Deus, que realiza tudo em todos. Cada um, porém, recebe o dom de manifestar o Espírito, em ordem ao bem comum. A um, é uma palavra de sabedoria, que é dada pelo Espírito; a outro, uma palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito; a outro, a fé, em união com o mesmo Espírito; a outro, o dom das curas, nesse único Espírito;

a este, o poder de fazer milagres; àquele, o de profetizar; a outro, o de dons espirituais; a este, o dom de falar diversas línguas; àquele, o de poder traduzir essas línguas. Tudo isto, porém, o realiza o mesmo e único Espírito, que distribui os seus dons a cada um, conforme entende” (1 Cor 12, 4-11).

Silêncio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

Somos uma comunidade, construída sobre os carismas, que recebemos do Espírito Santo. Vivemo-los na nossa existência diária. É, por isso, que as nossas comunidades devem ser vicejantes e empenhadas. Existimos, graças aos nossos carismas. Por dispormos de dons diversos, colocados ao serviço de uma causa comum, é que as nossas comunidades estão destinadas a ser carismaticamente ricas e interpessoalmente belas. A riqueza dos dons do Espírito Santo revela-se nas nossas comunidades e nos ministérios que exercemos. O Espírito Santo concede os seus dons como acha melhor; isso não está dependente do nosso esforço pessoal. São, portanto, puros dons da sua generosidade e da sua bondade. Esta doação divina obriga-nos a ser generosos na sua vivência e partilha com os nossos irmãos e irmãs. Quanto mais exercitarmos os dons do Espírito Santo, tanto mais eles se desenvolverão. Um carisma levar-nos-á a descobrir muitos outros carismas. A nossa vida comunitária é alegre, se nos envolvemos no seu dinamismo, a partir dos nossos dons carismáticos, que são sempre a fonte da nossa força para enfrentar os desafios. Pôr em prática a vida de consagração, partindo dos dons carismáticos, leva-nos a discernir a fonte da nossa alegria, na vida missionária.



Maria estava cheia da força do Espírito Santo e, por isso, era a “cheia de graça”. A sua maternidade divina, a vida de serva do Senhor, a entrega incondicional à vontade de Deus, o seu discipulado na escuta da Palavra, a disponibilidade para com as pessoas necessitadas (Lc 1,39-56; Jo 2,1-12), a sua indomável esperança em Deus (Lc 1,49-55), a meditação mística da presença do Senhor no seu coração (Lc 2,19.51) e a animação da comunidade apostólica na recepção do Espírito Santo, são os dons que ela viveu em plenitude. Ela convida-nos a edificar as nossas comunidades como testemunhas dos dons de Deus.

O Padre Claret constitui o nosso modelo de discernimento e de descoberta dos dons pessoais. A sua vocação ao serviço da Palavra brota de situações particulares da sua vida. O seu espírito de discernimento moldou o seu carisma evangelizador e forjou-o como lutador contra os males da sociedade do seu tempo. A leitura orante da Palavra de Deus permitiu-lhe escutar a voz do seu Mestre, no serviço da missão.

O dom da cura, que experimentou, é uma prova da sua docilidade ao Espírito de Deus. A sua forma de observar a sociedade e o efeito dos seus escritos fizeram-no compreender que tinha o dom de ensinar. A assiduidade com que se sentava aos pés do Senhor para preparar os seus sermões, e os seus hábitos enraizados de leitura, levaram-no a convencer-se do seu dom para a pregação missionária. As diversas tentativas de pregar a Palavra de Deus induziram-no a discernir o seu carisma de Fundador. A sua preocupação e solidariedade para com os socialmente marginalizados evidenciam uma vida transbordante da força vivificante dos dons de Deus. Desta forma, o Padre Claret serve-nos de modelo para mantermos vivo o nosso espírito evangelizador, através dos diversos dons recebidos do Espírito Santo, que foram derramados nos nossos corações.

4. Textos complementares.

“Os dons do Espírito, em vez de nos tornarem melhores pessoas do que os outros, preparam-nos para servir verdadeiramente os nossos irmãos e irmãs. Um carisma é mais do que um talento ou uma qualidade pessoal. É uma graça, um dom que Deus outorga, através do Espírito Santo: não porque uma pessoa seja melhor que a outra, mas para que alguém o ponha ao serviço dos outros, com a mesma gratidão e amor com que o recebeu. [...] Os múltiplos dons do Espírito Santo animam e enriquecem o Corpo de Cristo”.

A diversidade destes dons “convida-nos a partilhá-los generosamente, para o bem de todos, e a não deixar que se tornem uma fonte de divisão”. “Os vários carismas e dons, com que o Pai enriquece, a Igreja deve desenvolver-se em harmonia, na fé e no seu amor, como um só corpo, o Corpo de Cristo, onde precisamos uns dos outros, e onde cada dom recebido se realiza plenamente, quando é partilhado com

os nossos irmãos e irmãs. É assim que resplandecem a beleza sobrenatural e a força da fé, para que, juntos, possamos entrar no coração do Evangelho e seguir Jesus”. Interpelando os presentes, encorajou cada um a interrogar-se: “Que carisma me deu o Senhor? Como vivo este carisma? Assumo-o com generosidade, pondo-o ao serviço de todos? Ou será que o negligenciei ou esqueci? “Peçamos ao Senhor que nos ajude a reconhecer com gratidão esta grande efusão de dons espirituais, que permite à Igreja perseverar na fé, crescer na graça e ser um sinal e um testemunho cada vez mais credível do amor infinito de Deus”. O Papa Francisco concluiu o seu discurso, encorajando todos a “considerar os dons especiais que recebestes e como escolhemos usar esses dons para promover a unidade, a vida e a missão da Igreja, no mundo” (Audiências Gerais sobre os Dons do Espírito, Praça de São Pedro, 9 de abril - 11 de junho de 2014, em CNA/EWTN NEWS News, 1 de outubro de 2014).

5. Oremos, juntos

Ó Deus, nosso Pai, nós Vos oferecemos as nossas orações, por intercessão de Maria, a cheia de graça e repleta dos dons do Espírito Santo:

Confiando no vosso amor, Vos pedimos, Senhor:

- Que possamos agradecer-Vos os dons que nos concedestes...
- Dai-nos o dom da generosidade para com a nossa comunidade...
- Concedei-nos que, fortalecidos por Vós, vivamos os s dons em prol da vossa maior glória...
- Fazei-nos construir a unidade entre todos, lançando mão dos diversos dons que possuímos...
- Inspirai-nos, para sermos fiéis aos vossos dons, desenvolvendo-os constantemente...

Petições espontâneas... Pai nosso.

Oração final: Pai de bondade, fazei com que valorizemos os dons que colocastes na nossa vida, para que possamos dar testemunho do vosso amor, derramado nos nossos corações pelo vosso Espírito. Como Maria, nossa Mãe, acompanhou os apóstolos do vosso Filho, concedei-nos escutar também a sua voz, que nos orienta em todos os nossos esforços. Outorgai-nos a vossa graça, para seguirmos as pegadas do Padre Claret, discernindo e fruindo os dons do Espírito Santo e sendo ouvintes atentos e servidores da Palavra. Por Cristo, nosso Senhor. Amen.

Bênção conclusiva.

Cântico mariano apropriado.

Quinto dia

PARTICIPAÇÃO. MÉTODO: ESCUTA, PARTICIPAÇÃO E DISCERNIMENTO

1. Admonição introdutória

Hoje, faz falta escutar humildemente o povo de Deus, e os clamores dos pobres, das vítimas, e da Terra. As suas vozes ecoarão na oração, no estudo, na permuta dos relatos pessoais e nos testemunhos, nas reflexões e nos argumentos dos que participam na assembleia sinodal.

A voz do Espírito chega a Maria, por inspiração interior, mas também por mediações: a tradição do seu povo em histórias, as confissões e ritos, os ensinamentos familiares, as instruções na sinagoga, o diálogo com José, as palavras de Jesus. Destas últimas, algumas foram enigmáticas: “Não sabias que eu devia ocupar-me das coisas ou na casa de meu Pai?” (Lc 1,49); outras marcavam, alguma distância: “Mulher, que tenho Eu a ver contigo?” (Jo 2,4); outras realizam o que exprimem: “Mulher, eis aí o teu filho” (Jo 19,26). O coração da Mulher é um coração que escuta, que participa com as interrogações que lança (cf. Lc 1,35; 2,48), que ora em uníssono com outros corações (cf. At 1,14).

Cântico inicial.

Saudação litúrgica.

Oração: Ó Deus, que sois Pai e Mãe, muito obrigado pela vossa presença viva, amorosa e contínua, dentro de nós. Falais connosco no dia a dia, através das várias pessoas e acontecimentos. Convidais-nos a escutar-Vos com atenção, para conhecermos a vossa vontade, que nos orienta. Deste modo, recordais-nos que não andamos sozinhos, na caminhada sinodal, e que o Espírito Santo nos acompanha. Derramai sobre nós a vossa sabedoria e prudência, para discernirmos o vosso apelo a dar testemunho de Vós, no nosso mundo. Isto vos pedimos, por Cristo, nosso Senhor, que vive e reina convosco na unidade do Espírito Santo, por todo o sempre. Amen.

2. Escutemos a Palavra de Deus

“No dia seguinte, enquanto caminhavam e se aproximavam da cidade, Pedro subiu ao terraço, por volta da hora sexta, para rezar. Sentiu fome e quis comer qualquer coisa. Enquanto lhe preparavam a comida, foi arrebatado em êxtase. Viu o céu aberto e um objeto, com uma grande toalha, atada pelas quatro pontas, a descer para a terra. Estava cheia de todos os animais quadrúpedes e répteis da Terra e de todas as aves do céu. E uma voz disse-lhe: “Levanta-te, Pedro, mata e come”. Pedro retorquiu: “De modo algum, Senhor! Nunca comi nada de profano nem de impuro”. Isto repetiu-se por três vezes e, depois, o objeto foi retirado para o céu” (At 10, 9-16).

Silêncio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

Os profetas detetavam a presença de Deus, nos acontecimentos da sua vida quotidiana, e proclamavam a mensagem que Ele lhes pretendia dirigir. Anunciaram a salvação e denunciaram as situações de injustiça da sociedade. Convocavam o povo, com esta proclamação: “Ouve, ó Israel”. Perscrutavam a sociedade, em atitude de discernimento. A vontade de Deus era para eles o critério para ajuizar. Quando se sentiam seguros neste campo, estavam preparados para enfrentar os poderes terrenos, a ponto de suportarem rejeições e atentados contra a própria vida. O discernimento levou-os a defender o primado de Deus, na sociedade de que faziam parte. Andamos bombardeados, na atmosfera mediática de hoje, por inúmeras mensagens e opiniões, carregadas de falsas informações e de projeções distorcidas. Lutamos para descobrir a verdade, soterrada em elementos sociais injustos. Necessitamos, por isso, de pessoas com discernimento, para intuímos o que Deus deseja de nós.

Maria dispunha de um discernimento apurado, no seu coração. Quando o Evangelho a define como a pessoa que reflete e dá valor a todos os acontecimentos, converte-a em paradigma do nosso discernimento. Ao escutar o chamamento divino, na mensagem do arcanjo Gabriel, ela sentiu-se profundamente inspirada por Deus e ditou o seu consentimento final. A situação de necessidade de Isabel e a resposta dada por Maria revelam que o seu espírito se mantinha em sintonia com a vontade de Deus. Nas realidades do mundo, as mensagens que



veiculou nas suas aparições a diversas pessoas, em vários locais e em diversos contextos sociais, apelam- a um discernimento adequado, como resposta ao chamamento de Deus.

A oração ao longo da vida constante do Padre Claret, para descobrir a vontade de Deus (Aut 754-755), desempenhou, ao longo da vida, um papel vital no processo do seu discernimento. Desde o ingresso no seminário, manteve-se sempre orientado para descortinar o que Deus desejava, a seu respeito. No momento da crise, recorreu aos diretores espirituais, que o ajudaram a discernir os caminhos do Senhor. Ele anota o papel dos Oratorianos de S. Filipe Néri, no discernimento da sua vocação e na fundação da nossa Congregação. Assim, conhecer a vontade de Deus, através do discernimento, não é o mesmo que fazê-lo, auscultando apenas a nossa maneira de pensar e de rezar.

As nossas reflexões pessoais e a atitude orante necessitam de um acompanhamento espiritual, que nos auxilie a intuir a vontade de Deus. O nosso Diretório aconselha: “Recomenda-se vivamente a direção ou o acompanhamento espiritual, como meio de discernir a vontade de Deus e de permanecer fiel, até ao fim (CC 54; 73)” (Dir. 140). Hoje, somos chamados a rever os nossos compromissos pessoais, comunitários e pastorais, e a examinar a nossa transparência, a fim de nos deixarmos acompanhar por pessoas sábias e maduras, no discernimento da vontade de Deus, sobre nós.

4. Textos complementares. “Tendo descoberto que Deus, nosso Senhor, me escolhera, sem qualquer mérito do meu lado, mas unicamente pela força da sua graça, para enfrentar a corrupção e curar as feridas do corpo semimorto e corrompido da sociedade, pensei que devia dedicar-me a detetar e a estudar bem as doenças deste organismo social. Levei a cabo tal incumbência e concluí que o mundo cultiva o amor às riquezas, às honras e aos prazeres sensuais. O género humano sempre se sentiu tentado por esta tríplice concupiscência; mas, hoje em dia, a sede dos bens materiais está a desertificar o coração e as entranhas da sociedade moderna” (Aut 357).

“Verifico que estamos num século em que não só se adora o bezerro de ouro, como o faziam os hebreus, mas em que também se presta um culto tão exagerado ao ouro, que as mais generosas virtudes foram apeadas dos seus sagrados pedestais. Descobri que, nesta época, o egoísmo força os homens a pôr de lado os deveres mais sagrados que devem prestar aos seus semelhantes e irmãos, uma vez que todos somos imagens de Deus, seus filhos, redimidos pelo sangue de Jesus Cristo e predestinados ao Céu (Aut 358).

“Achei que, para derrotar este gigante enorme, que os mundanos consideram onipotente, tinha de lhe fazer frente com a santa virtude da pobreza; e, assim como o idealizei, o pus em prática. Nada possuía, nada queria e tudo recusava. Sentia-me bem com a roupa que trazia no corpo e com a comida que me davam.

Todos os meus haveres cabiam num lenço da mão, atado pelas pontas. A minha bagagem consistia num breviário de todo o ano, no manual com o esquema dos sermões, num par de meias e numa camisa para troca de roupa. Nada mais” (Aut 359).

5. Oremos, juntos

Ó Deus, nosso Pai, nós vos oferecemos as nossas orações por intercessão de Maria, que sempre nos acompanha para discernir a vossa vontade a nosso respeito:

Confiando no vosso amor, Vos pedimos, Senhor.

- Concedei-nos a vossa graça, para escutarmos as inspirações do Espírito Santo, em todos os nossos empreendimentos?
- Concedei-nos apoio, para descobrirmos a vossa vontade, na oração e no discernimento comunitário...
- Ajudai-nos a contemplar a realidade que nos rodeia, com os vossos olhos; a senti-la, com o vosso coração; e a discerni-la, com a vossa mente...
- Despertai em nós a sede do silêncio e da solidão, para Vos escutarmos bem...
- Abri o nosso coração e a nossa mente, para obtermos clareza, nos esforços que efetuamos, em prol do vosso Reino...

Petições espontâneas... Pai nosso.

Oração final: Ó Deus, Pai e Mãe, sois a fonte de toda a sabedoria. Infundi em nós a docilidade de coração, para conhecermos a vossa vontade e sermos fiéis no nosso testemunho de vida. Sede a luz que, nas trevas, ilumina a nossa mente. Sede a nossa companhia, nas confusões e nas crises. Aumentai a certeza de que estais sempre connosco, para nos orientar e proteger. Isto Vos pedimos, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amen.

Bênção conclusiva.

Cântico mariano apropriado.



Sexto dia

CELEBRAR, JUNTOS, A EUCARISTIA E A SINÁXIS ECLESIAL

1. Admonição introdutória

Em todas as orações eucarísticas, a gloriosa e sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, é recordada, mas não sozinha, nem isolada e à parte; é mencionada, seguida de S. José, dos apóstolos, dos mártires e de todos os santos de Deus. Aparece, sim, em primeiro lugar, mas no seio da comunhão dos santos e à frente dos mesmos. Todos eles foram companheiros de caminho (sýnodoi) e viveram em uníssono com a Igreja. Foi deste modo que ultimaram a sua peregrinação. O corpo de Cristo, que Maria concebeu, por obra do Espírito Santo, torna-se presente na celebração, através do mesmo Espírito e é oferecido como um banquete a todos os convidados. É o alimento dos viajantes e o penhor da vida futura, porque une a assembleia ao Senhor vivo, que tudo recapitulará. Que a memória de Maria e dos santos, que chegaram à casa do Pai, estimule o desejo do nosso encontro com eles.

Cântico inicial.

Saudação litúrgica.

Oração: Pai cheio de bondade, nós Vos agradecemos o dom da fé, na vossa presença real e viva na Sagrada Eucaristia. Ao fazê-lo, em memória de nosso Senhor, isso fortalece-nos para viver e trabalhar pela instauração do vosso Reino. A fé nos recorda constantemente que este sacramento é a fonte e o cume da vida cristã; que podemos encontrar o vosso Filho na Eucaristia, nas orações pessoais e nas experiências quotidianas do encontro mútuo com os nossos irmãos e irmãs. Que esta presença viva de Jesus fortaleça as nossas comunidades, vocacionadas para testemunhar uma vida de entrega e sacrifício. Isto Vos pedimos por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina convosco na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amen.

2. Escutemos a Palavra de Deus

“É preciso que haja divisões no meio de vós, para se manifestarem, entre vós, aqueles que são firmes na prova. Quando vos reunis, pois, em comum, não é para tomar a Ceia do Senhor: cada qual, na refeição, começa por tomar a própria ceia, e um passa fome, enquanto o outro se embriaga. Então, não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e envergonhais aqueles que são

pobres? Que vos direi? Hei de louvar-vos? Nisto não vos louvo. É que eu recebi do Senhor o que, por minha vez, vos transmiti: o Senhor Jesus, na noite em que ia ser traído, tomou o pão e deu graças; depois, partiu-o e disse: “Isto é o meu Corpo, que é para vós. Fazei isto em memória de Mim”. No fim da da ceia, fez o mesmo com a taça, e disse: “Esta taça é a Nova Aliança no meu Sangue; fazei isto, sempre que o beberdes, em memória de Mim. Sempre que comerdes este pão e beberdes desta taça, anunciareis a Morte do Senhor, até que ele venha! (1 Cor 11,19-26).

Silêncio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

«O mandato do Senhor, de celebrar a Eucaristia em sua memória, começou a cumprir-se já no início da Igreja. A comunidade cristã primitiva reunia-se constantemente para escutar a Palavra e repartir o Pão. A Eucaristia era o centro dessa comunidade, que se mantinha unida. Através dela, a comunidade recordava a morte e a ressurreição do Senhor, mantinha a comunhão fraterna e partilhava os seus bens, para fazer face às necessidades que tinha. Era uma comunidade testemunhal, graças a esta celebração eucarística, que lhe permitia unir os seus membros num só corpo. Quando a unidade foi posta em perigo, S. Paulo teve de intervir, em Corinto, perante o mau uso das celebrações eucarísticas, que se tinham degradado e estavam reduzidas a uma simples comida e bebida, fomentando divisões entre ricos e pobres, homens livres e escravos (cf. 1 Cor 11, 19-26). A Eucaristia exige que velemos pela reverência e respeito que lhe prestamos. A recordação da morte e ressurreição do Senhor incita-nos a compreender a Eucaristia como um sacrifício. Este aspeto sacrificial contém o perdão



dos nossos pecados, como o Senhor declarou na Última Ceia. Na vertente da Eucaristia, como banquete, somos chamados a fortalecer-nos a comunhão fraterna. O corpo de Cristo é o corpo do Filho de Maria. Recordá-la, em cada celebração eucarística, manifesta a sua presença entre nós. Ela ora connosco, durante a Santa Missa, e acompanha-nos no encontro pessoal com o Senhor eucarístico. Assim como transportou Jesus no seu seio, quando foi ao encontro de Isabel, revela-nos a presença de Jesus, cada vez que nos encontramos com ela.

O Padre Claret teve plena consciência, na sua vida, da presença real da Eucaristia. A experiência mística de transportar dentro de si o Senhor Eucarístico não foi um simples sentimento, mas uma força que o impeliu a trabalhar pelo bem da comunidade, lutando contra os males da sociedade do seu tempo (cf. Aut 694-695). Os nossos bem-aventurados mártires de Barbastro receberam a força desta presença eucarística. O seu fervor e a sua devoção em recebê-la, quando estavam na agonia da morte, levaram-nos a unir-se como irmãos, nascidos de Deus (cf. Jo 1,13). A união fraterna é, antes de mais, significada e plenamente realizada, na Eucaristia, que é sinal de unidade e vínculo de caridade” (CC 12). Neste contexto, é sempre bom interrogar-nos, se tomamos a Eucaristia como um elemento devocional da nossa vida, ou como uma força para combater as nossas atitudes egocêntricas e lutar contra os males, a exemplo do nosso Pai e fundador.

4. Textos complementares. “No dia 26 de agosto de 1861, estando a rezar na igreja do Rosário, na Granja, por volta das sete horas da tarde, o Senhor concedeu-me a graça extraordinária de conservar as espécies sacramentais, ou seja, de ter sempre no meu peito, dia e noite, o Santíssimo Sacramento. Daí que deva manter-me em constante recolhimento e profunda devoção. Tenho obrigação de rezar e fazer frente a todos os males de Espanha, como o Senhor me aconselhou. Para tal efeito, recordou-me uma ajuda importante: sem quaisquer méritos ou qualidades pessoais, nem a colaboração de mais alguém, fez-me subir do mais ínfimo ao mais alto escalão do povo. Instalou-me a par dos reis da terra. E, agora, colocou-me ao lado do Rei do Céu. Glorificate et portate Deum in corpore vestro. 1 Cor VI.20.116 ou 1Cor 6,20” (Aut 694).

5. Oremos, juntos

Maria trouxe-nos Jesus, que Se torna presente na Eucaristia. Digamos-Lhe, de coração:

Confiado no vosso amor, Vos pedimos, Senhor.

- Aumentai a nossa sede, para que possamos correr em busca da fonte viva da Eucaristia, como o veado procura as correntes das águas.

- Fazei-nos compreender que somos um só corpo, que partilha um único Pão, para crescermos na vida fraterna.
- Ajudai-nos a celebrar a Eucaristia e a participar dignamente no banquete, com um coração convertido totalmente a Vós.
- Aprofundai em nós o sentido do sacrifício, para nos oferecermos pelo bem dos outros.
- Conduzi-nos à plenitude da alegria, através da nossa participação ativa no banquete eucarístico.

Petições espontâneas... Pai nosso.

Oração final: Deus, nosso Pai, damo-Vos por nos acompanhardes, através da Eucaristia, e pedimo-Vos que nos façais compreender que o sacrifício eucarístico nos ajuda a viver a oblatividade; que o banquete eucarístico nos faz aprofundar as nossas relações interpessoais; e que o perdão dos pecados, concedido pelo sacramento da reconciliação, nos enche de consolação e de paz. Que a companhia terna e materna de Maria, nossa Mãe, nos faça crescer na vivência da Eucaristia. Vo-lo pedimos, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amen.

Bênção conclusiva.

Cântico mariano apropriado.



1. Admonição introdutória

A vida é missão, e a vida de Maria foi-o igualmente. João Batista não era a luz; veio para dar testemunho da luz. Maria não era a salvação; veio para conceber e dar à luz o Salvador; para O criar no seu seio, para tratar d'Ele e O educar, nos primeiros anos de vida, para O acompanhar. Em narrações, como a Visitação, Caná e, Pentecostes, Maria é vista como atora, empenhada num exercício missionário. Para Claret, ela é a que forja o missionários, a mulher que o projeta, como uma flecha, contra o adversário da humanidade.

Foi chamada a primeira missionária, a evangelizadora bandeirante, o ícone da evangelização, a mãe da Igreja missionária, a rainha dos apóstolos, a discípula-missionária. Ela é a mãe do Missionário, por excelência: a enviada do Pai e do Filho, que conhece e dá a conhecer Deus Pai.

Cântico inicial.

Saudação litúrgica.

Oração: Ó Deus, que sois Pai e Mãe, nós Vos estamos gratos pela missão do Reino, que Jesus Cristo nos confiou. Vós nos convocais para sermos vossas testemunhas, vivendo os valores do vosso amor por cada um de nós. Vós nos levais a saborear o vosso amor e a vossa compaixão, e a partilhá-los com o nosso próximo. Todos nós, membros do povo de Deus, nos sentimos ungidos para ser missionários do Evangelho, nas diversas culturas, tradições e realidades sociais. Fazei-nos apreciar os valores do vosso Reino, nas culturas dos povos, e purificai os elementos culturais que impedem o progresso e a estabilização da dignidade humana. Mantende vivo, em nós, o espírito missionário do Padre Claret. em todas as circunstâncias da nossa vida. Isto Vos pedimos por Jesus Cristo, nosso Senhor, que vive e reina convosco na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amen.

2. Escutemos a Palavra de Deus

Os onze discípulos partiram para a Galileia, em direção ao monte que Jesus lhes indicara. Quando O viram, adoraram-n'O; mas alguns ainda duvidaram. Jesus aproximou-Se e disse-lhes: «Todo o poder Me foi dado no Céu e na terra. Ide e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, 20 ensinando-as a cumprir tudo quanto vos mandei. Eu estou convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28,16-20).

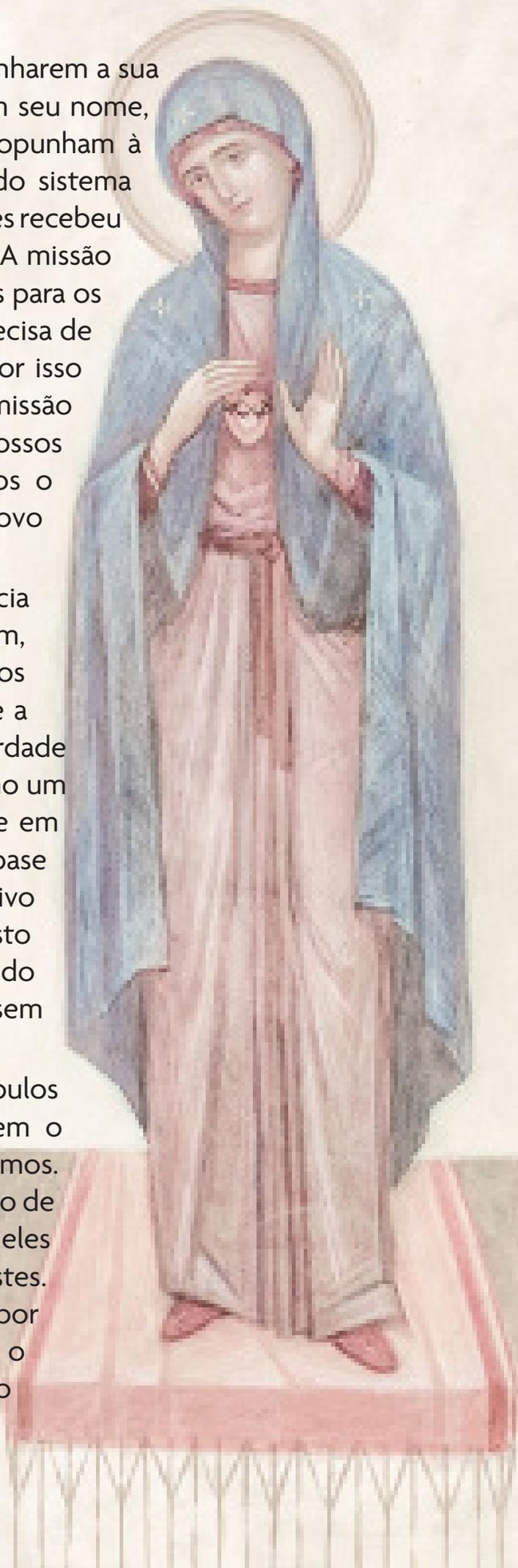
Silêncio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

Deus enviou os que escolhera, para desempenharem a sua missão sobre a Terra. Os profetas falaram, em seu nome, enfrentando as estruturas humanas que se opunham à missão de Deus. A libertação dos hebreus do sistema injusto da escravidão foi uma missão que Moisés recebeu das mãos de Deus, e que cumpriu fielmente. A missão e a mensagem de Deus estão sempre voltadas para os pobres e os rejeitados da sociedade. Deus precisa de pessoas para desempenhar esta tarefa, e é por isso que se pergunta: “Quem hei de enviar?”. Esta missão de Deus convida-nos a fazer um balanço dos nossos ministérios, para verificarmos se palmilhamos o caminho certo e nos poderemos apelidar de povo missionário de Deus.

Jesus descobriu que se cumpria n’Ele a profecia de Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu. Enviou-me a evangelizar os pobres, a proclamar a liberdade aos cativos e a recuperação da vista aos cegos, e a pôr em liberdade os oprimidos” (Is 61,1). Ele apresenta Deus como um Pai, que cuida de todos. Mantinha-Se sempre em comunhão com Ele; falava e trabalhava, com base no que aprendia com Ele. O seu olhar compassivo para com os necessitados mostrava o rosto materno de seu Pai e levava-O a aliviar a dor do seu povo, que andava perdido como ovelha sem pastor.

No cumprimento da sua missão, enviou os discípulos a diversas aldeias e cidades, para anunciarem o Reino de Deus, apoiados em curas e exorcismos. Depois da sua ressurreição, deu-lhes o mandato de pregarem o Evangelho a todas as nações, que eles começaram a executar, após o dia de Pentecostes. Este mandato missionário é levado a cabo por todos os membros da Igreja. Assim, a Igreja é o povo missionário de Deus, em que cada cristão evangeliza, graças à sua vocação, seja ela laical, religiosa ou sacerdotal. O cumprimento



deste desiderato missionário só é possível, quando experimentamos pessoalmente a unção do Espírito, que nos seleciona para tal missão.

Desde o momento em que Maria recebeu o apelo de Deus, para ser a mãe do Salvador, tornou-se uma missionária, que levou Jesus aos outros. Ela proclamou a grandeza de Deus, a partir da sua experiência pessoal. Acompanhou Jesus às bodas de Caná, onde o ajudou a manifestar a sua glória aos seus discípulos (Jo 2,1-12). O seu papel e a sua participação no primeiro anúncio da ressurreição do Senhor, feito por S. Pedro, induz-nos a pedir-lhe que nos acompanhe no chamamento à vida missionária. Ela é a estrela da manhã, que nos enche de esperança e nos conduz à aurora de uma nova vida e de novos horizontes.

O Padre Claret encontrou a sua identidade missionária, comparando-se a uma seta, colocada nas mãos poderosas de Maria, para ser lançada por Ela contra o mal (Auto. 270). Ele estava profundamente consciente da sua identidade missionária, como enviado de Deus pela causa do Evangelho. Experimentou poderosamente a unção do Espírito, para anunciar o Evangelho aos pobres (Auto. 118) e, como fundador, escreve mais tarde que esta unção incide sobre todos os membros da Congregação (Auto. 687). Seguindo os seus passos, somos incitados a viver “a unção do Espírito Santo, com que fomos ungidos para evangelizar os pobres, participando na plenitude de Cristo... Só assim seremos instrumentos válidos do Senhor para anunciar o Reino dos céus” (Const. 39).

A proposta de Claret de utilizar todos os meios possíveis, no serviço do ministério da Palavra (Const. 6), oferece maiores possibilidades de liberdade, nos meios para atingir tal objetivo, mas convida-nos também a examinar a nossa fidelidade ao seu carisma missionário. Se todos os meios que utilizamos são expressão do nosso carisma, devemos interrogar-nos sobre o que é realmente o nosso carisma.

4. Textos complementares. “A quem pertence a missão de evangelizar? O Concílio Vaticano II forneceu uma resposta clara: “Compete à Igreja, por mandato divino, ir por todo o mundo e anunciar o Evangelho a todas as criaturas”. E, num outro texto, afirma: “Toda a Igreja é missionária; a obra da evangelização é um dever fundamental do povo de Deus”.

Quando a Igreja anuncia o Reino de Deus e o constrói, implanta-se no coração do mundo, como sinal e instrumento desse Reino, que já se encontra implantado, e que virá. O Concílio retomou as seguintes palavras de Santo Agostinho, sobre a ação missionária dos Doze, porque eram muito significativas: “Pregando a palavra da verdade, eles geraram as Igrejas”. A consciência de que a Igreja é enviada, e tem o mandato de evangelizar o mundo inteiro, deve despertar em nós uma dupla convicção:

Primeiro: Evangelizar não constitui para ninguém um ato individual e isolado, mas é um ato profundamente eclesial. Quando o mais humilde pregador, catequista ou pastor, no lugar mais remoto, anuncia o Evangelho, reúne a sua pequena comunidade

ou administra um sacramento, mesmo se estiver sozinho, exerce um ato de Igreja, e o seu gesto está ligado, através de relações institucionais, certamente, mas também por via de laços invisíveis e raízes profundas, na ordem da graça, à atividade evangelizadora de toda a Igreja. Isto pressupõe que ele o faça, não por causa da missão que se atribui a si mesmo ou por inspiração pessoal, mas em união com a missão da Igreja, e em seu nome.

Segundo: Se todos evangelizam em nome da Igreja, que por sua vez o faz em virtude de um mandato do Senhor, nenhum evangelizador é senhor absoluto da sua ação evangelizadora, com poder discricionário para a realizar, segundo critérios e perspectivas individualistas, mas em comunhão com a Igreja, e os seus Pastores.

A Igreja é, toda ela, evangelizadora, como já sublinhámos. Isto significa que, para o mundo inteiro, e para cada parte dele onde se encontra presente, a Igreja sente-se responsável pela tarefa de difundir o Evangelho” (Evangelii Nuntiandi, 59. 60.).

5. Oremos, juntos

Deus nosso Pai, nós Vos oferecemos as nossas orações, por intercessão de Maria, que sempre nos acompanha na tarefa de povo missionário de Deus:

Confiando no vosso amor, Vos pedimos, Senhor.

- Infundi em nós o espírito evangelizador, para Vos conhecer e dar a conhecer...
- Dai-nos a vossa graça, para cumprirmos os compromissos missionários, movidos pelo amor de Cristo...
- Enchei de sabedoria os dirigentes mundiais, para governarem os seus países, lançando mão dos valores do Evangelho...
- Concedei a paz ao nosso mundo, atacado pelo fundamentalismo religioso...
- Iluminai as nossas mentes, a fim de sermos missionários da esperança e da alegria para os nossos irmãos e irmãs...

Petições espontâneas... Pai nosso.

Oração final: Pai, cheio de bondade e de amor, fazei-nos compreender que somos chamados a ser missionários do vosso Reino, na terra. Esta é uma tarefa, confiada a cada batizado; por isso, ajudai-nos, com a vossa sabedoria e luz, a realizar, juntos, o nosso encargo missionário, de forma sinodal, com respeito mútuo, encontro, escuta e participação na vida da Igreja. No meio das crescentes tendências ao ódio e à violência religiosa, enchei-nos de um espírito renovado, para descobirmos novas formas de apresentar a mensagem da salvação, de modo a criar uma sociedade fraterna, onde o vosso amor seja partilhado, e cada pessoa seja respeitada como imagem e semelhança vossa. Vo-lo pedimos, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amen.

Oração conclusiva.

Cântico mariano apropriado.

INCULTURAR O EVANGELHO, EM DIVERSOS CONTEXTOS

1. Monição introdutória

O coração de Maria simboliza a sua pessoa. Foi acolhido nos diversos contextos culturais, em que o Evangelho se implantou. Variou a sua imagem, de acordo com a evolução das mentalidades ou das sensibilidades (é apelidada de ícone da Igreja, modelo da vida virginal e da vida monástica, onnipotência suplicante, Dolorosa, Corredentora...); foi coroada de inúmeros títulos (mãe, imperatriz, rainha, senhora...); projetaram-se nela esquemas culturais, sonhos e desejos humanos. Também neste campo, é necessário discernimento, e a Palavra de Deus, que a Igreja acolhe, deverá ser o critério para discernir estas representações. O sentido de fé do povo teve um peso especial, no discernimento dos dogmas marianos. Em vida, ela foi acolhida calorosamente, na casa de Zacarias e na casa-comunidade do discípulo amado. Nós, filhos do seu Coração, temos o múnus de favorecer a sua receção nos espaços e culturas, em que estamos evangelicamente presentes.

Cântico inicial.

Saudação litúrgica.

Oração: Ó Deus, que sois nosso Pai e nossa Mãe, damo-Vos graças pela encarnação do vosso Filho Jesus, na nossa cultura e na nossa história. Enviastes o vosso Espírito aos apóstolos, para que o Evangelho da salvação encarnasse em diversas culturas e povos. Esta inserção cultural enriqueceu as culturas, purificando-as de elementos contrários ao vosso Reino. Tornai-nos sensíveis às variadas culturas dos povos, apreciando-as e vivendo os seus valores. Ajudai-nos também a resistir aos desafios, colocados por alguns pseudovalores, que contradizem as verdades do Evangelho. Isto Vos pedimos, por Jesus Cristo, nosso Senhor, que convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amen.

2. Escutemos a Palavra de Deus

“No princípio era a Palavra e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus. Ela estava, no princípio, junto de Deus. Por meio dela todas as coisas surgiram, e sem ela nem uma só coisa do que existe surgiu. Nela estava a vida e a vida era a luz dos homens; a luz brilha nas trevas e as trevas não se apoderaram dela.

Surgiu um homem, enviado por Deus; o seu nome era João. Ele veio para um testemunho: para dar testemunho da luz, para que todos, por meio dele, acreditassem. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz.

A Palavra era a luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem ao mundo. Estava no mundo e o mundo por meio dela surgiu; mas o mundo não a conheceu. Veio para o que era seu, mas os seus não a acolheram. Mas a todos quantos a receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus: àqueles que acreditam no seu nome. Estes não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.

E a Palavra fez-se carne: estabeleceu a tenda entre nós e contemplamos a sua glória; glória como unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1,1-14).

Silêncio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

A encarnação do Filho de Deus implica a sua inserção na cultura e nas tradições judaicas. Ele identificou-se com elas, em todos os aspectos, exceto no pecado. A sua encarnação manifesta a solidariedade de Deus com os pobres, os marginalizados e os pecadores. Como parte dessa cultura, Jesus enfrentou as práticas tradicionais, culturais e religiosas, que iam contra a vontade do seu Pai. Lutou, assim, para as purificar e as transformar em fonte de vida, para todos. A encarnação de Deus e a inculturação não foram bem acolhidas por todos, porque exigiam uma conversão constante, da falsidade para a verdade, do mal para o bem e do mundanismo para a piedade. Por esta razão, a inculturação do Evangelho em diversas culturas encontra também reações negativas, por parte dos poderosos da sociedade.

A proximidade de Deus à humanidade foi vista como uma ameaça, devido ao seu envolvimento que tinha nas nossas lutas quotidianas, e aparecia como um alerta crítico contra má utilização da presença de Deus. É por essa razão que somos tentados a transformar Deus num objeto de culto e o aprisionamos com rituais, tradições



e regras. Esta imagem de Deus não constitui um perigo para o nosso modo de vida desorientado. O caminho sinodal questiona-nos, se permitirmos que a mensagem penetre nas nossas culturas e tradições.

Quando S. Paulo levou o Evangelho aos gentios, teve de enfrentar as suas tradições. Experimentou a imposição de normas e costumes sociais e religiosos judaicos. A imposição da circuncisão e a transmissão da mensagem salvadora de Cristo constituíram um pomo de discórdia, no seu ministério evangélico. O Concílio de Jerusalém colocou a importância da salvação, trazida por Jesus, acima das tradições judaicas (cf. Atos 15). Afirmava corajosamente que a lei traz consigo a morte (cf. Rm 7,10), mas o Espírito gera a vida (cf. Rm 8,9).

A inculturação do Evangelho exige transparência, que valoriza e promover os elementos bons de cada cultura. O apego excessivo à própria cultura é um dos obstáculos, para que o Evangelho se enraíze nas pessoas que adotam esta atitude.”... Haja muito cuidado, também, para que o amor desordenado ao próprio país ou à própria cultura não impeça a adaptação ao povo, que vamos evangelizar...” (CC 49). Maria constitui um exemplo, neste processo de inculturação do Evangelho. O amor que o povo lhe dedica, independentemente da raça, cor, cultura e religião, faz que seja celebrada com amor filial. Os diversos títulos que as pessoas lhe atribuíram em vários países, de acordo com as suas tradições, manifestam as formas e as possibilidades de inculturação da nossa fé. O seu amor materno, evidenciado por essas devoções, leva-nos a empreender o caminho do amor como um meio importante, neste processo da nossa.

Somos missionários ao jeito do Padre Claret, cujo espírito é para o mundo inteiro. universal, é possível levar a efeito a inculturação do Evangelho. Ele amava as pessoas, com quem trabalhava. A sua solidariedade para com os escravos do seu tempo, em Cuba, evidenciava a abertura para os acolher no seu ministério pastoral. A cultura da pobreza é um dos maiores desafios, na pregação do Evangelho aos pobres.

4. Textos complementares.

“Para cumprir esta missão, os Missionários devem servir-se de todos os meios ao seu alcance, mas, sobretudo, têm de fomentar em si próprios:

- O sentido da intuição, para captar o que é mais urgente, oportuno e eficaz, tendo em conta as circunstâncias dos tempos, dos lugares e das pessoas, sem se ancorarem em métodos ou instrumentos de apostolado inadequados;
- O sentido da disponibilidade, de modo que estejam dispostos a renunciar a tudo o que possuíram até ao presente, para levarem a efeito a missão de difundir a fé, dentro e fora das fronteiras da sua pátria, dóceis ao Espírito e obedientes à missão;
- O sentido da catolicidade, para partirem a todas as partes do mundo e, com espírito aberto, valorizarem os costumes dos povos e os seus valores culturais e religiosos.

A ação missionária deve ser orientada, em primeiro lugar, para os mais necessitados de evangelização, ou para aqueles que são já agentes da evangelização, ou que podem vir a sê-lo. De boa vontade associamos, no Senhor, às nossas obras apostólicas todas e cada uma das pessoas que, movidos por um espírito missionário, desejem colaborar connosco (CC 48).

4. Oremos, juntos

Deus, nosso Pai, Vos oferecemos as nossas orações, para que, por intercessão de Maria, nos orienteis no processo da inculturação evangélica:

Confiando no vosso amor, Vos pedimos, Senhor.

- Aumentai, em nós, a abertura às diversas culturas, na tarefa de anunciar o Evangelho...
- Fazei-nos compreender que o nosso compromisso com o Evangelho só tem verdadeiramente sentido, quando acolhermos os valores da cultura...
- Concedei-nos a sensibilidade de escutar o Espírito, para apresentarmos o Evangelho às diversas culturas...
- Fortalecei-nos, a fim de resistirmos aos desafios das atitudes fechadas, que comprometem o ministério evangélico nas diversas culturas...

Petições espontâneas... Pai nosso.

Oração final: Pai do Verbo Unigénito, pela encarnação do vosso Filho nos fazeis entender a importância do processo da inculturação do Evangelho. A nossa história ensina-nos que temos muita dificuldade em encontrar solução para esse problema. Concedei-nos a graça de nos interessarmos por conhecer e apreciar outras culturas, de tomarmos a iniciativa de aprender línguas diferentes e de nos abirmos ao encontro da cultura dos pobres, para que o nosso compromisso com a vossa Palavra seja autêntico e significativo para este mundo. Por Jesus Cristo, nosso Senhor. Amen.

Bênção conclusiva

Un himno mariano apropiado.



Nono dia

“POVO DE DEUS, PEREGRINO DA HISTÓRIA, EM DIREÇÃO À PÁTRIA CELESTE”

1. Monição de entrada

No final da sua peregrinação terrena, Maria foi elevada à glória celeste. Foi elevada com toda a sua identidade pessoal, forjada no seu corpo de história, na sua humanidade concreta, através da sua fé, da sua maternidade, das fadigas e trabalhos a que se dedicou na vida quotidiana, das alegrias que experimentou e também das privações que sofreu naquele mundo de relações e tensões em que estava envolvida, quer por causa de si mesma, quer por causa do seu Filho. Ela é um sinal de esperança certa para o povo de Deus ainda em caminho; e - poderíamos dizer - nesta sua glória falta ainda alguma coisa; ela só se realizará quando toda a comunidade dos eleitos tiver atingido a meta que polariza a sua marcha. “Maria é a dignidade da terra” (Santo Agostinho); a sua memória leva-nos a dar glória a Deus e activa o desejo da vida do mundo futuro.

Cântico inicial.

Saudação litúrgica.

Oração: Ó Deus, que sois nosso Pai e nossa Mãe, nós vos agradecemos por nos lembrardes frequentemente que somos peregrinos na terra rumo à pátria celeste. Deste modo, chamais-nos a estar no mundo, sem ser do mundo. Escutando o vosso apelo, recordamos as nossas tentações de fixar o olhar no mundanismo, enquanto caminhamos nas pegadas do Senhor. Dai-nos a vossa graça de procurar em primeiro lugar o Reino de Deus e de nos esforçarmos por viver uma vida digna dele. Assim, fortalecer-nos-emos na esperança de viver a alegria e a paz eternas prometidas por Nosso Senhor Jesus Cristo, que vive e reina pelos séculos dos séculos.

2. Escutemos a Palavra de Deus

“Portanto, se ressuscitastes com Cristo, procurai os bens lá de cima, onde Cristo está sentado à direita de Deus; aspirai aos bens lá de cima e não aos da terra. Porque vós tendes mortos, e a vossa vida está com Cristo escondida em Deus. Quando Cristo, a vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis gloriosos com ele” (Col 3,1-4).

Silêncio contemplativo.

3. Meditemos, com Maria

No diálogo entre Jesus e Nicodemos sobre o novo nascimento, Jesus indica que não somos capazes de acreditar nele quando nos fala das coisas terrenas e que não seremos capazes de acreditar nele quando nos quiser explicar as coisas celestes (cf. Jo 3,12). No diálogo com a samaritana, Ele refere-se à água viva, mas ela permanece na materialidade da água do poço (cf. Jo 4,13-15); quando ela fala do culto religioso deles, Ele transcende os lugares e as práticas de judeus e samaritanos e testemunha que os verdadeiros adoradores adorarão a Deus em espírito e verdade (cf. Jo 4,23). Na oração que ensinou aos seus discípulos, apresenta o seu Deus como “Pai nosso que estás nos céus” e recorda que nós estamos nesta terra, mas pertencemos ao lugar onde Cristo está, a nossa pátria celeste. Quando fala do seu corpo como o pão da vida, eles pensam no pão como o seu alimento quotidiano (cf. Jo 6,34-35). Quando se concentra no seu Pai, os judeus estão a falar dos seus próprios pais (cf. Jo 8,18-19). Estes diálogos são exemplos de como ficamos presos às realidades terrenas e não conseguimos ultrapassá-las. Por isso, Jesus diz claramente: “Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Mt 6,21) e aconselha-nos a juntar tesouros no Céu (cf. Mt 6,19).

Maria guia-nos com a sua vida de peregrina na terra orientada para o céu. No seu encontro com Isabel, guiada pelo Espírito, ela apresenta-nos a realidade do Reino de Deus, contrária ao poder e ao orgulho deste mundo. A sua Assunção diz-nos que somos peregrinos na terra com os olhos postos no mundo definitivo, onde reinam trazem verdadeira alegria, a paz e a justiça. As peregrinações que o povo faz aos santuários e basílicas de Maria desenvolvem em nós a consciência de estarmos orientados para Deus sem estarmos apegados a este



mundo. Ela convida-nos a crescer na esperança do mundo que há-de vir, para o qual caminhamos juntos como Igreja peregrina.

A itinerância do Padre Claret tem um sentido simbólico. O seu discernimento para ser evangelizador itinerante faz-nos pensar que o seu movimento de um lugar para outro não foi apenas geográfico, mas também uma peregrinação à pátria celeste. As suas deambulações catalãs ao serviço do Evangelho tiveram Maria como ponto de chegada, tanto em França como em Itália. Escreve com satisfação: “Cumprir a minha missão”. Diz ainda que espera alcançar o seu objectivo final: estar unido ao seu Mestre. Como evangelizador que se oferece para a glória de Deus e a salvação das almas, escolhe o Coração de Maria como fonte e meio para a conversão dos pecadores. Como estrangeiros e exilados, somos chamados a afastar-nos dos desejos mundanos, glorificando a Deus no nosso corpo através da nossa pertença a Cristo (cf. CC 43). Os horizontes da nossa pátria celeste estão bloqueados pela nossa mundanidade, egoísmo, egocentrismo, atitudes de busca de poder, celebrações litúrgicas superficiais, etc. A nossa vida sinodal chama-nos a tomar consciência dos perigos das espiritualidades e motivações mundanas e a lutar contra elas para abrir os caminhos de uma vida transcendente.

4. Textos complementares

“Esta ideia da eternidade infeliz, que começou em mim na idade de cinco anos com grande vivacidade, e que sempre tive muito presente, e que, se Deus quiser, nunca esquecerei, é a mola e o agulhão do meu zelo pela salvação das almas” (Aut 15).

“A este estímulo, com o tempo, juntou-se outro, que explicarei mais adiante, e que é o pensamento de que o pecado não só condena o próximo, mas que é principalmente um insulto a Deus, que é meu Pai. Ah! esta ideia parte-me o coração de dor e faz-me correr como... [um desesperado]... [um homem desesperado]. E digo a mim mesmo: se um pecado é de uma malícia infinita, impedir um pecado é impedir uma injúria infinita ao meu Deus, ao meu bom Pai” (Aut 16).

5. Oramos juntos

Deus nosso Pai, nós vos oferecemos as nossas orações por intercessão de Maria, que nos acompanha na nossa peregrinação à pátria celeste:

Confiados no vosso amor, nós Vos pedimos, Senhor.

- Aumenta em nós a consciência de sermos peregrinos, estrangeiros e exilados aqui na terra...
- Fazei-nos viver no mundo, reconhecendo todas as suas realidades de bondade e de pecado...

- Dá-nos a graça de procurar o Reino de Deus e a sua justiça...
- Ajudai-nos a vencer o mundanismo na nossa espiritualidade e na nossa vida quotidiana de religiosos...
- Dai-nos força para lutar contra o nosso egoísmo, orgulho, mentalidade de poder, etc...

Petições espontâneas... Pai nosso.

Oração final: Deus amoroso, livrai-nos de cair no mundanismo que rejeita a profecia dos nossos irmãos e irmãs, e desacredita aqueles que nos questionam e apontam os nossos erros. Guiai-nos pela vossa presença para que não fiquemos obcecados pelas aparências. Ajuda-nos a abrir os nossos corações fechados no horizonte limitado da nossa imanência e dos nossos interesses, que nos impedem de tirar lições dos nossos pecados e de nos abirmos verdadeiramente ao perdão. Faz-nos lutar contra esta tremenda corrupção disfarçada de bem. Salva-nos de um mundanismo com roupagens espirituais e pastorais superficiais. Curai-nos deste mundanismo sufocante, insuflando em nós o ar puro do Espírito Santo que nos liberta do egocentrismo revestido de uma religiosidade exterior e privada de Deus. Não permitais que nos roubem o Evangelho. Pedimos-vos isto por Cristo, nosso Senhor. Amén.

Bênção conclusiva.

Un himno mariano apropiado.



Detalhe do Imaculado Coração de Maria
no ícone dos Mártires Claretianos.



MISSIONARII CLARETIANI
IMMACULATI CORDIS MARIÆ FILII

PREFEITURA GERAL DA ESPIRITUALIDADE
E VIDA COMUNITÁRIA

